



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
CAMPUS IV - DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**ENTRE O PRAZER PELA LEITURA E O SADISMO DAS PERSONSAGENS DE
CLARICE LISPECTOR: leitura de “Felicidade Clandestina”**

KALINA DA SILVA DE FREITAS

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2017**

KALINA DA SILVA DE FREITAS

**ENTRE O PRAZER PELA LEITURA E O SADISMO DAS PERSONSAGENS DE
CLARICE LISPECTOR: leitura de “Felicidade Clandestina”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vaneide Lima Silva.

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2017**

F862e Freitas, Kalina da Silva de.
Entre o prazer pela leitura e o sadismo das personagens
de Clarice Lispector: leitura de "Felicidade Clandestina"
[manuscrito] : / Kalina da Silva de Freitas. - 2017.
22 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Humanas e Agrárias, 2017.

"Orientação : Profa. Dra. Profª. Drª. Vaneide Lima Silva,
Coordenação do Curso de Letras - CCHA."


1. Estudo. 2. Crítica Literária. 3. Felicidade Clandestina.

21. ed. CDD 801.95


**ENTRE O PRAZER PELA LEITURA E O SADISMO DAS PERSONSAGENS DE
CLARICE LISPECTOR: leitura de "Felicidade Clandestina"**

KALINA DA SILVA DE FREITAS

APROVADO EM: 14 de dezembro de 2017.



Prof^a. Dr^a. Vaneide Lima Silva
Orientadora - UEPB/CAMPUS IV



Profa. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes
Examinadora - UEPB/CAMPUS IV



Prof. Dr. Jairo Bezerra Silva
Examinador – UEPB/CAMPUS IV

Dedico este trabalho ao meu maior mestre,
Deus. E a todos que fazem parte da minha
vida, família, professores e amigos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por ter me proporcionado a realização deste trabalho, e por ser o meu tudo e está sempre comigo, ajudando-me durante todo esse trajeto. Dedico essa conquista a ele.

Aos meus pais e minhas irmãs, que sempre me ofereceram todas as condições possíveis para que eu chegasse até aqui, sempre acreditando nos meus sonhos.

A todos os admiráveis professores que passaram em minha vida e me proporcionaram grandes ensinamentos, pois bons professores marcam vidas.

À minha orientadora Vaneide, que me ajudou muito, pela paciência e pela sabedoria.

Ao irmão Neto, que sempre esteve disponível, ajudando-me em tudo que estivesse ao seu alcance.

À minha colega Rita, que suportou todos os apereios, sempre disponível e contribuindo com sua inteligência.

Ao meu amor, que tem sido uma base nessa reta final, ajudando nos mínimos detalhes, sempre me dando força e encorajando-me.

Enfim, a todas as experiências que tive que passar, pois Deus sempre está disponível para nos ajudar a reconstruir, e realizar os sonhos de quem acredita. A palavra exata para esse momento é GRATIDÃO.

“Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada”... (Clarice Lispector, “Felicidade Clandestina”)

RESUMO

Este artigo objetiva analisar o conto “Felicidade Clandestina”, centrando a atenção no comportamento de seus personagens principais; elemento da narrativa que em Clarice Lispector costuma-se concentrar as ações do conto. Especificamente, buscamos entender por que a felicidade seria sempre “clandestina” para a “menina” que protagoniza a história. Nesse sentido, o estudo pretende explicitar as possíveis ambiguidades que podem ser apreendidas nas entrelinhas do título do conto. Trata-se, desse modo, de um estudo de crítica literária que se fundamenta nas bases teóricas da pesquisa de caráter bibliográfico, uma vez que se recorreu a estudos como os de Brait (2006) e Candido (2011) no que se refere à definição de personagem e alguns de seus tipos, bem como à pesquisa desenvolvida por Olga de Sá (1979) para conhecimento mais detido acerca da obra de Clarice Lispector. Esse estudo é considerado um dos mais profícuos em torno da obra da autora. Outras obras aparecem referencializadas ao longo do trabalho, compondo a fundamentação teórica e dando sustentação à análise do conto.

Palavras-chave: Estudo. Crítica Literária. “Felicidade Clandestina”.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. BREVE APRESENTAÇÃO DA VIDA E DA OBRA DE CLARICE LISPECTOR.....	11
2. SOBRE A CONSTRUÇÃO DOS PERSONAGENS NA NARRATIVA.....	15
3. O BEM E O MAL EM “FELICIDADE CLANDESTINA”: desvendando o paradoxo	18
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
5. REFERÊNCIAS.....	22

INTRODUÇÃO

Clarice Lispector se destaca na Literatura Brasileira depois da geração do romance de 30. Segundo a crítica em geral, ao lado de Guimarães Rosa a escritora é um dos principais nomes no romance e no conto a partir dos anos 40. Aliás, o texto curto é uma das formas mais cultivadas pelos escritores modernistas. Clarice se encaixa bem nessa linha, uma vez que a autora faz uso de frases e situações muito precisas e delimitadas em seus textos. A coletânea de contos *Felicidade Clandestina*, obra publicada em 1971, reúne 25 contos que giram em torno da família, da infância, e da adolescência. Enfim, dos conflitos sentimentais e da busca pela felicidade.

Nessa antologia, desperta nossa atenção o conto que intitula o livro – “Felicidade Clandestina”, pela maneira apaixonada com que sua protagonista se comporta diante da leitura. O prazer pela leitura, vivenciado por uma menina que realiza uma verdadeira peregrinação em busca de conseguir um livro de Monteiro Lobato nos envolve e emociona, pois ela passa a ir à casa da colega diariamente buscar o livro, o qual nunca está com ela. Quando, finalmente, consegue o livro, não o lê de imediato. Finge não tê-lo, só pelo prazer de descobri-lo. Passa a viver com isso uma felicidade clandestina. A frase final do enredo (“Ela se sente não mais uma menina com um livro, mas uma mulher com o seu amante”) aponta para uma ambiguidade no conto, que inquieta e sugere uma leitura mais cuidadosa da narrativa, justificando, assim, um estudo mais detido dos personagens dessa história. Desse modo, decidimos analisar o conto “Felicidade Clandestina”, procurando identificar e caracterizar seus personagens principais, na tentativa de querer desvendar os sentidos implícitos dessa “felicidade clandestina”. Interessamos, portanto, os personagens e a linguagem enxuta da autora, que se utiliza de um dos procedimentos mais difíceis na Literatura: dar prioridade à visão da criança.

Trata-se, desse modo, de um estudo de base bibliográfica. Esse tipo de estudo busca as diversas contribuições científicas sobre um determinado assunto ou tema. O levantamento geralmente parte de análises feitas por fontes secundárias que abordam, de várias maneiras, o tema em estudo, reunindo informações e dados, tornando uma base. É a partir dessa pesquisa bibliográfica, que descobrimos uma metodologia melhor para produzir o trabalho a ser realizado; afinal, buscamos apoio

em estudos sobre o personagem e sobre a obra de Clarice Lispector para o desenvolvimento deste trabalho de crítica literária, em torno de um conto dessa autora.

O trabalho encontra-se estruturado da seguinte maneira: no primeiro momento é feita uma breve apresentação da vida e da obra de Clarice Lispector, onde trazemos algumas palavras da crítica em torno da obra da autora. Apesar de se tratar de Clarice que se destaca nacionalmente na produção literária moderna brasileira, consideramos necessário retomar aspectos de sua vida; no segundo momento trazemos a definição de personagem a partir de estudos como os de Brait e Antonio Candido, sem deixar de fazer menção a alguns tipos de personagens categorizados por esses críticos; por fim, realizamos a análise do conto “Felicidade Clandestina”, destacando inicialmente o prazer e o gosto pela leitura da menina que protagoniza o conto e, num segundo momento, apontando as ambiguidades presentes no título da narrativa.

Esperamos que esse trabalho venha ampliar os estudos em torno da obra de Clarice Lispector, escritora que se destaca na produção de uma obra que demonstra conhecer a fundo o universo feminino. O conto em questão sugere essa sensibilidade da autora, na medida em que se utiliza de uma ingênua experiência infantil para abordar questões relacionadas ao universo adulto: na verdade, a felicidade que seria sempre “clandestina” para a menina remete para a ideia de clandestinidade em que vivem as mulheres na condição de amantes. Nesse sentido, o conto provoca uma reflexão muito sutil acerca da condição feminina, questão atual que precisa ser contemplado no espaço das salas de aula. Desse modo, a leitura deste conto entre alunos do nível médio renderia excelente debate.

1 BREVE APRESENTAÇÃO DA VIDA E DA OBRA DE CLARICE LISPECTOR

“Todas as manhãs, ela deixa os sonhos na cama, acorda e põe sua roupa de viver.”

Clarice Lispector.

1.1 Vida

Clarice Lispector, escritora que se destaca na literatura brasileira depois da geração do romance de 1930, nasceu em Tchethelnik – Ucrânia, URSS - no dia 10 de dezembro de 1925. O nome “Lispector”, portanto, é de origem russa. Em uma entrevista para o Pasquim ela declara que não sabe falar nada sobre o lugar onde nasceu, pois nunca voltou aquele lugar.

Segundo Moisés (1997), a autora chegou ao Brasil com apenas dois meses de vida e inicialmente morou em Alagoas, depois se mudou juntamente com sua família para Pernambuco. Viveu a infância em Recife e foi uma menina alegre, que aprendeu a ler e escrever aos sete anos. É em Recife que cursa o primário e o secundário. Posteriormente se transfere para o Rio de Janeiro, onde ingressa na faculdade de Direito. Forma-se em 1944, ano em que, de acordo com Moisés, publica seu primeiro livro: *Perto do Coração Selvagem*, romance muito bem recebido pela crítica, pelo qual ganha da Academia Brasileira de Letras o Prêmio Graça Aranha. Nessa época se casa com um diplomata e se afasta do país (entre 1945 e 1960), mas sem deixar de cultivar a literatura. Escreveu também o romance *A maçã no Escuro*, terminado em 1956, e por ele recebeu o Prêmio Cármen Dolores Barbosa, em São Paulo. Em 1967 ela alcança mais uma conquista, o prêmio *Calunga, da Campanha Nacional da Criança*, com a obra *O Mistério do Coelho Pensante*, editado em 1967.

Vale destacar que ganhou ainda o prêmio Golfinho de Ouro, com a obra *Felicidade Clandestina*, bem como o prêmio do “X Concurso Literário Nacional de Brasília”, em 1976.

1.2 Obra – algumas palavras da crítica

Ao se debruçar sobre sua obra, mais especificamente sobre suas coletâneas de contos, os críticos em geral costumam apontar algumas características básicas: a primeira delas diz respeito à preferência da escritora por textos curtos e concisos.

Aliás, conforme já afirmamos, essa é uma das formas mais cultivadas pelos escritores modernistas. Clarice se encaixa bem nessa linha, optando, assim, por frases curtas e situações muito precisas e delimitadas dos seus textos.

Um segundo traço bem marcante em seus contos é a prioridade à visão da criança, ou seja, procedimento em que o autor tem que renunciar a sua visão de adulto e procurar ver o mundo a partir da percepção da criança. Por isso, é bastante recorrente nos contos momentos que parecem sem importância alguma, porque se trata da avaliação que a criança está fazendo de determinado fenômeno ou acontecimento. No conto “Felicidade Clandestina”, que será analisado mais adiante, a protagonista deseja ler o livro *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, o qual acaba tendo uma importância tão grande para a menina, que a vida dela passa a girar em torno disso. Todo dia ela tem algo como uma vida renovada pela expectativa de pegar o livro. Tanto é que, ao chegar em casa com o livro, ela não o abre imediatamente. É como se houvesse algo de sagrado ou misterioso dentro do livro, responsável pelo encanto da infância dela: “Era um livro grosso, meu Deus, era um livro pra se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses” (LISPECTOR, p.6). Num primeiro momento, fazendo uma leitura rápida, achamos que o conto retrata exclusivamente o prazer da menina pela leitura, mas atentando para o caráter paradoxal que assume o título da narrativa, percebemos que o conto parecer dizer algo mais – afinal, quando a menina tem acesso ao livro tão almejado ao longo do enredo, o narrador afirma que ela não se sente mais uma menina e sim uma mulher com seu amante. Essa imagem forte de “mulher com seu amante” parece dizer algo mais de um simples interesse de leitura, conforme veremos mais adiante.

A quebra de expectativa é outro traço bastante presente em seus livros e recorrentemente apontado pelos estudiosos de sua obra: ou seja, um conto vem sendo desenvolvido numa ordem; cria certa tensão; espera-se chegar ao final com um desfecho grandioso, algum fato chocante, imprevisível, mas a autora prefere quebrar o clímax que caracteriza a conclusão tradicional de um conto, optando por fatos muito simples, às vezes até banais, para quebrar o ritmo da leitura.

A crítica às relações familiares constitui uma das principais tendências de Clarice Lispector em toda sua obra, ao explorar, no geral, a alegria fingida de

personagens pertencentes a uma classe média. Os personagens vivem uma rotina tão grande que já tem um comportamento mecanizado, como se não pudessem mais sair desse círculo de opressão. Todos se oprimem mutuamente, uma vez que a autora põe em evidência como a falsidade que usurpa a liberdade de pensar e agir tem efeitos negativos sobre todo mundo.

Outra tendência marcante de Clarice Lispector é a epifania. Diante de acontecimentos que parecem sem importância nenhuma, seus personagens passam a uma realidade mais profunda, um instante de revelação ou epifania. Em *Felicidade Clandestina* a personagem protagonista passa por um momento de epifania, uma transição de menina para mulher. Ela amadurece quando tem o livro em suas mãos, ela descobre a importância de algo que muda totalmente a sua visão. A partir desse momento epifânico, ela ganha profundidade existencial, com algo que poderia ser visto sem importância.

Por fim, temos como uma tendência muito expressiva na obra da autora, a condição da mulher oprimida. Esta, em muitos contos de Clarice Lispector, deseja viver outras relações familiares e sociais, sem a repetição pesada que caracteriza a vida comum. Logo, esses sentimentos por algo ideal, fora das relações convencionais, configuram um sentido de utopia: a busca de algo que ainda não existe.

Debruçando-nos mais detidamente sobre a coletânea *Felicidade Clandestina*, considerada como a mais autobiográfica de Clarice Lispector, publicada em 1971, que reúne 25 contos, alguns já publicados antes, verificamos que o livro é iniciado com o conto que dá nome a ele mesmo, "Felicidade Clandestina".

Vale ressaltar que no geral, no conjunto de sua obra, a autora costuma tratar os seus personagens com uma importância bem mais considerável que os outros elementos (enredo, espaço e tempo). Em *Felicidade Clandestina* não é diferente: narrado em primeira pessoa, o enredo apresenta uma menina gorda e baixa, filha de um dono de livraria. Ela não aproveita nada da livraria e tem um grande talento para a crueldade. Odeia as outras meninas, que são bonitas, esguias, altas e de cabelos livres. Uma delas pede um livro emprestado à gorda, que a humilha. Um dia, a gorda, que não lê os livros que tem, afirma a ela que possui *As reações de Narizinho*, de Monteiro Lobato. Diz à menina para ir lá na casa dela no outro dia, que

ela lhe emprestaria o livro. A menina vai, cheia de alegria, e a gorda nem a manda entrar: diz que o livro está emprestado e que ela volte no dia seguinte. Então cresce na menina bonita o desejo de ter o livro e ela passa o dia interior pensando nisso. Vai à casa da gorda no outro dia e a resposta é a mesma: o livro não foi devolvido e que ela volte no outro dia. Assim, ela vai diariamente à casa da gorda e esta nunca está com o livro. Uma dia, a mãe da gorda resolve a situação: diz que o livro nunca saiu de lá e que a gorda nunca leu. A mãe dar o livro à menina, para ela ficar o tempo que quisesse. Emocionada, ela leva o livro para casa e não o lê de imediato. Finge não tê-lo, só pelo prazer de descobri-lo depois. Passa a viver, com isso, uma “felicidade clandestina”. Ela se sente não mais uma menina com um livro, mas uma mulher com o seu amante.

Percebemos mediante a leitura da obra, que o enredo vai revelando o desejo e a visão da menina, que se mostra apaixonada pela leitura, sendo a partir da sua ansiedade pela leitura do livro, que o leitor vai conhecendo a personagem e, por extensão, o enredo do conto. Mas a paixão da menina vai revelando um algo a mais no enredo. E a visão da menina, que vai se transformando com o desenrolar da história, acaba funcionando como pretexto para a autora abordar uma história de amor clandestino, conforme explicitará nossa análise mais adiante.

Os personagens de Clarice refletem sobre o que sentem, provocando verdadeiras revelações interiores, conforme observa Olga (1979, p.30): “E tão sensual que as coisas mais insignificantes despertam nela sensações profundas”. É o que acontece com a personagem protagonista do conto. Ela vive sensações profundas de um amor clandestino, representado por um livro.

Clarice desperta o interesse de críticos como Antonio Candido, quem em um artigo intitulado “*No Raiar de Clarice Lispector*” (1944), a elogia por sua intensidade de escrever, por sua capacidade de transmitir sua interpretação pessoal do mundo, afirmando ainda que ela é capaz de encher suas expressões de metáforas lancinantes, estruturando o que tem a dizer em poucas palavras, ela consegue falar de uma história de amor, usando um acontecimento pessoal de quando era criança, revelando algo a mais, a partir de uma paixão de menina.

2 SOBRE A CONSTRUÇÃO DOS PERSONAGENS NA NARRATIVA

Tem gente que cose para fora, eu coso para dentro. Vou tomando notas. Às vezes, acordo no meio da noite, ano uma frase e volto para a cama. Sou capaz de escrever no escuro num cinema, meu caderninho sempre na bolsa... Para mim, fundo e forma são uma coisa só... (LISCPECTOR)

2.1 Definição

O termo personagem é originado do latim, *persona(m)*. Tradicionalmente essa palavra fazia referência ao teatro, e por semelhança passou também à literatura. O personagem tem a função de representar com semelhança pessoas, sentimentos e comportamento dos seres humanos, ou seja, parecer reais aos olhos do leitor, fazer uma imitação do real. Candido (2011) afirma que o personagem transmite essa impressão de verdade, devido à verossimilhança.

Personagem é quem vive o que está sendo narrado na história ou na obra. Ele faz parte da história contada, podendo ter ou não ter um nome. Segundo Brait (2006), os personagens são representações de pessoas. Quase sempre esse personagem atuante é uma pessoa, mas pode ser que ele venha como um objeto, um animal, sendo eles humanizados.

Nas obras literárias há diferentes tipos de personagens, e são eles essenciais para o desenvolvimento do enredo. É o que declara Candido quando diz que os personagens vivem o enredo, e são eles que dão vida ao enredo.

No conto “Felicidade Clandestina”, Clarice Lispector não deu nome aos personagens, mas fez uso da descrição para detalhar os personagens principais. Esse é um conto com poucos personagens: a menina que relata seu prazer pela leitura da obra de Monteiro Lobato, *Reinações de Narizinho*, e que protagoniza a história; a gorda, filha do dono da livraria, e a sua mãe. A ação nessa narrativa se concentra, portanto, nesses personagens, sendo este elemento o responsável pelo desenvolvimento da ação dramática no conto.

2.2 Tipos de personagem

Todo personagem de uma ficção literária ganha dentro da obra princípios, vontades, sua identidade, personalidade, qualidades, defeitos e diversos fatores que a conceituam e constituem esse personagem, conforme identifica Candido, que ainda afirma:

Esta impressão se acentua quando investigamos os personagens, por assim dizer, fragmentos de ser, que nos são dados por uma conversa, um ato, uma sequência de atos, uma afirmação e uma informação. Cada um desses fragmentos, mesmo considerado um todo, uma unidade total, não é uno, nem contínuo. Ele permite um conhecimento mais ou menos adequado ao estabelecimento da nossa conduta, com base num juízo sobre o outro ser; permite, mesmo, numa noção conjunta e coerente deste ser; mas essa noção é oscilante, aproximativa, descontínua. Os seres são, por sua natureza, misteriosos, inesperados. Daí, a psicologia moderna ter ampliado e investigado sistematicamente as noções de subconsciente e inconsciente, que explicariam o que há de insólito nas pessoas que reputamos conhecer, e, no entanto nos surpreendemos, como se outra pessoa entrasse nelas, invadindo inesperadamente a sua área de essência e existência. (CANDIDO, 1987, p.59)

Vale lembrar que é através da ligação entre enredo e personagem que são mostradas as intenções do romance. Pensando nisso, as personagens podem ser enquadradas como planas ou estáticas; evolutivas ou esféricas. De acordo com Candido, as planas são aquelas que não apresentam mudanças com as circunstâncias, ou seja, são lineares e não apresentam variações diante do enredo, suas qualidades permanecem as mesmas do início ao fim da obra, facilmente identificadas; Já as esféricas ou evolutivas são personagens complexas, com capacidade de surpreender o leitor que acompanha a obra, são personagens de extrema inconstância, pois elas evoluem ao longo da narrativa, ou seja, estão em mudanças constantes de comportamento e temperamento (CÂNDIDO, 2000).

Quanto a esta categoria de personagem, Candido (1968) ainda afirma que:

A força que vem das grandes personagens vem do fato de que o sentimento que temos da sua complexidade é Maximo; graças aos recursos de caracterização o romancista é capaz de dar a impressão de um ser ilimitado, contraditório, infinito na sua riqueza; mas nós aprendemos, sobrevoamos essa riqueza, temos a personagem como um todo coeso ente a nossa imaginação. Portanto, a compreensão que nos vem do romance, sendo estabelecida de uma vez por toda, é muito mais precisa do que a que nos vem da existência. Dai podermos dizer que a personagem é mais lógica, embora não mais simples, do que o ser vivo. (CANDIDO, 1968, p.59)

No tópicos a seguir passaremos a analisar mais detidamente os personagens do conto “Felicidade Clandestina”, procurando observar em qual tipologia se enquadra os personagens principais da narrativa. Acerca deste elemento, vale lembrar o que diz Brait (2006) sobre os personagens protagonista e antagonista: o primeiro é considerado o mais importante da obra, ou história, “é aquele que ganha o primeiro lugar na narrativa”, já que o personagem antagonista é denominado de opositor, visto como rival do protagonista, o vilão, que sempre tenta dificultar os desejos do protagonista.

No caso do conto em análise, podemos afirmar que essa classificação se aplica perfeitamente no caso da menina que protagoniza o enredo de “Felicidade Clandestina”: a menina gorda e feia (antagonista) personifica a inveja que sente da menina magra (protagonista), que é apaixonada pela leitura, constituindo no conto a dualidade bem e mal. Adentremos na análise mais detida do conto.

3 O BEM E O MAL EM “FELICIDADE CLANDESTINA”: desvendando o paradoxo

Sou um ser humano. Não sou uma intelectual; sou mais saudável do que muita gente pensa. Sou uma intuitiva, uma sentidora. E também, uma amadora. Só escrevo quando impulsionada pela vontade.
(LISPECTOR)

Conforme já adiantamos, o enredo de “Felicidade Clandestina” resume a história de uma menina gorda e baixa filha de um dono de livraria. Ela não aproveita nada da livraria e tem talento para a crueldade. Odeia as outras meninas, que são bonitas, esguias, altas e de cabelos livres. Uma delas pede um livro emprestado à gorda, que a humilha. Uma dia a gorda, que não lê os livros que tem, afirma a ela que tem possui *Reinações de Narizinho*, de Lobato. Diz à menina para ir buscar em sua casa. A menina vai, cheia de alegria e expectativa, e a gorda apenas diz: o livro estava emprestado e que ela voltasse no dia seguinte. Então cresce na menina bonita o desejo de ler o livro e ela passa o dia inteiro pensando nisso. Vai à casa da gorda no dia seguinte e a resposta é sempre a mesma o livro não foi devolvido e que ela volte no dia seguinte. A menina passa a ir diariamente à casa da gorda até que a mãe dela resolve a situação: diz que o livro nunca saiu de lá e que a gorda nunca leu. A mãe dá o livro à menina para ela ficar o tempo que quisesse. Emocionada, ela leva o livro para casa e não o lê de imediato. Finge não tê-lo, só pelo prazer de descobri-lo depois. Passa a viver com isso, uma “felicidade clandestina”. Ela se sente não mais uma menina com um livro, mas uma mulher com o seu amante.

A transformação que a personagem sofre no decorrer do enredo nos permite afirmar e classificar a protagonista do conto como uma personagem redonda, uma vez que o desejo pelo livro vai amadurecendo-a, de modo que o sadismo da menina gorda – a antagonista – faz com que ela encare o sofrimento provocado por sua maldade, não sucumbindo nem fazendo-a desistir daquilo que ela deseja.

Podemos dizer que o conto conduz o leitor a transitar entre o bem e o mal, os colocando diante de uma situação em que é levado a se comover com o sofrimento provocado pelo sadismo da menina “gorda” e “baixa”, munido de um talento incrível para a crueldade. O prazer demonstrado pela leitura incorporado pela protagonista

encanta aqueles que se identificam com esse gosto, passando a se ver nela, ansiando e desejando como ela.

Interessante que depois de conseguir o livro a menina passa a se sentir como uma mulher. Afirmção que nos convida a refletir um pouco mais sobre o paradoxo que o título do conto revela: “felicidade clandestina”. Por que o prazer de ler tinha que ser clandestino? A felicidade é algo que se deseja partilhar, dividir, socializar com quem está ao nosso redor. Mas para a menina se tornou algo “clandestino”: “a felicidade sempre iria ser clandestina para mim.” Diante do livro ela se demora a ler, como se quisesse, talvez, adiar o fim da leitura. Com o livro ela vivia no ar: “havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada [...] Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com seu amante” (LISPECTOR, p. 10)

Parece que estamos diante de uma metáfora que justifica o paradoxo identificado no título do conto: “felicidade clandestina”. A curta narrativa sugere uma ambiguidade que vai se revelando aos poucos no enredo. O desejo pela leitura, manifestado pela menina pode ser comparado ao desejo de uma paixão que surge repentinamente e aos poucos vai se intensificando. Quando a menina recebe o livro podendo ficar “quanto tempo quiser”, ela fica “estonteada” e assim recebe o livro. Mas não o lê imediatamente, “quando chega em casa, também pouco importa”.

Interessante observar o jeito como ela segura o livro: “comprimindo-o contra o peito”. E quando chega em casa finge que não sabia onde guardara o livro, para depois ter o susto de o ter. “Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina, que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina” para ela. De posse do livro, a menina “vivia no ar”, se tornava uma “rainha delicada”.

Olga (1979, p.33) afirma que nas obras de Clarice Lispector a realidade é levada aos planos mais profundos, nas fronteiras daquilo que existiu realmente e aquilo que só existiu pela imaginação. No conto em análise a personagem criava na sua imaginação falsas dificuldades para a sua felicidade clandestina, a qual pode ser comparada a um amor que existia na sua imaginação, e vivido de forma tão profunda, como algo proibido, pois não o pertencia, semelhantemente ao livro que também não era seu.

O título “Felicidade Clandestina” sugere uma ambiguidade de sentidos, pois esse clandestino remete para um amor proibido, uma relação extraconjugal, cujo relacionamento não pode ser vivido abertamente, nem se pode estar com o amado em seus braços o tempo todo, já que este não lhe pertencia, tratava-se de um amor clandestino, ou seja, vivido às escondidas, portanto, ilícito perante a sociedade.

A menina amava o livro que não era seu, e quando mulher passou a amar um homem que também não lhe pertencia, sempre submetida aos sofrimentos sádicos, pois esse era o preço a ser pago por uma felicidade clandestina.

Observamos no estudo do conto “Felicidade Clandestina”, um assunto que desperta perturbações para os seres humanos, um diferencial de Clarice Lispector, pois vemos que suas obras sempre podem nos revelar algo a mais, uma ambiguidade de sentidos, algo não distante da nossa realidade, tornando assim o conto instigante, por revelar uma história de amor incomum, que com uma perspectiva bem feminina, relata uma fantasia e contribui para que possamos conhecer terrenos inabitáveis, através do modo de narrar dos seus personagens, contribuindo também na identificação e caracterização destes personagens, desvendando os sentidos implícitos de uma felicidade clandestina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do estudo realizado, que se propôs analisar o conto “Felicidade Clandestina”, de Clarice Lispector, a partir de seus personagens principais, verificamos que o prazer pela leitura vivenciado pela menina que protagoniza o conto vem se contrapor ao sadismo vivido por sua antagonista: a filha da livraria que tinha o livro – objeto de desejo da protagonista – remetendo para uma ambiguidade já indiciada no título da narrativa.

A personagem protagonista enfrenta todos os sofrimentos impostos em busca de uma felicidade clandestina, assim como se verifica na postura da mulher que se sujeita a essa condição – indigna perante a sociedade. O desejo da menina que se torna posteriormente no desejo de uma mulher com seu amante vai se configurando no texto paulatinamente, de modo que podemos dizer que a autora atua aqui como é bastante comum em outros contos de sua obra: Clarice traz o ponto de vista infantil diante do interesse por uma obra literária – o livro *Reinações de Narizinho* – para abordar uma outra problemática: a condição da mulher que ama às escondidas, ou seja, se coloca na posição de amante, figurando como paradoxal o título do conto que traz a felicidade como algo “clandestino”.

Nesse sentido, podemos afirmar que o estudo ora realizado vem ampliar a análise em torno da obra de Clarice Lispector, além de nos oportunizar a possibilidade de manter contato a narrativa dessa escritora, para quem a “frase solta já vem feita” e acredita que todos os artistas vivem sua época. Talvez a Literatura possa fazer o leitor entender melhor a si mesmo [...]”. Sendo assim, acreditamos que a Literatura pode ampliar os nossos horizontes de expectativa, conforme sugere os teóricos da Estética da Recepção. A reflexão sugerida pelo conto de Clarice assume essa função, devendo seguramente constituir numa importante fonte de leitura entre os alunos do nível médio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA JR, Benjamin; CAMPEDELLI, Samira. Clarice Lispector: **seleção de textos, notas, estudos bibliográfico, histórico e crítico e exercícios**. São Paulo: Ed. Abril Educação, 1981.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 8.ed. São Paulo: Àtica, 2006.

SCHUTT, Diego. **Ficção em Tópicos**, Copyringht, 2010-2017.

Disponível em: <http://ficcao.emtopicos.com/criar-personagem/classificacao>. Acesso em 20 de outubro de 2015.

CANDIDO, Antonio. A personagem do Romance. In: **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2011, p.53-80.

CANDIDO, Antonio. **No Raiar de Clarice Lispector**.

Disponível em: <https://pt.scribd.com/mobile/document/253799002/> Acesso em 10 de dezembro de 2016.

GANCHO, Candido Vilares. **Como analisar narrativas**. 8.ed. São Paulo: Àtica, 2004.

LISPECTOR, Clarice. Felicidade Clandestina. In: **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1998.

SÁ, Olga. **A Escritura de Clarice Lispector**. São Paulo: Ed. Vozes, 1979.